

predisona. O animal apresentou boa resposta a terapia intitulada. Com a retirada do corticoide, o animal teve recidiva, e foi reutilizada a predisona. Após 226 dias do diagnóstico, o animal veio a óbito. A anemia hemolítica imunomediada (AHIM) é uma doença causada pela destruição imunomediada dos eritrócitos que pode ser primária, quando idiopática, ou secundária a uma variedade de desordens. Pode ocorrer em qualquer raça de cães, mas o Cocker Spaniel, Poodle e Sheepdog são as mais acometidas. A idade média de desenvolvimento é de seis anos e os sinais clínicos incluem apatia, anorexia, êmese, diarreia e ocasionalmente poliúria e polidipsia. Ao exame físico é comum a detecção de mucosas pálidas, hepato-esplenomegalia, dispneia, febre e icterícia. Em animais com AHIM, a anemia caracteriza-se por ser macrocítica normocrômica. Pode ocorrer destruição concomitante das plaquetas provocando trombocitopenia. A leucocitose e níveis elevados das enzimas hepáticas são comumente descritas em animais com AHIM. O diagnóstico é baseado no histórico clínico, exame físico, exames laboratoriais, eliminação de outras causas, e à resposta ao tratamento imunossupressor. A análise do mielograma permitiu a associação da AHIM com a hipoplasia medular. A taxa de mortalidade de animais com AHIM primária é elevada (70%) e o prognóstico é reservado. A Anemia Hemolítica Imunomediada é uma enfermidade comum na clínica de pequenos animais, porém pouco relatada e possui acentuada importância, visto que apresenta alta mortalidade. A análise do mielograma é relevante como meio auxiliar no diagnóstico e prognóstico da AHIM.

Palavras-chave: anemia; leucocitose; mielograma.

1 Discente da Faculdade Pio Décimo, Aracaju-SE

2 Médica veterinária autônoma, Aracaju-SE

3 Msc. Patologia Animal, Animal Pat Lab, Aracaju-SE, Aracaju-SE

4 Clínico Veterinário de pequenos animais do Hospital Veterinário da Faculdade Pio Décimo, Aracaju-SE. E-mail: fmorschel@hotmail.com

P-020

ANESTESIA E ANALGESIA NO LIPOMA INFILTRATIVO CANINO

Geyanna Dolores Lopes Nunes; Talyta Lins Nunes; Ariana Lopes Correia de Paiva; Genilson Fernandes de Queiroz; Kilder Dantas Filgueira; Valéria Veras de Paula

É descrito o protocolo anestésico e analgésico empregado no tratamento cirúrgico de um lipoma infiltrativo canino. Uma cadela, sem raça definida, com cinco anos, possuía um tumor subcutâneo, envolvendo as regiões pré-esternal e esternal. Optou-se por encaminhar a paciente para cirurgia. Inicialmente, o animal foi pré-medicado com acepromazina (0,05mg.kg⁻¹) e cloridrato de tramadol (2mg.kg⁻¹), por via intramuscular, sendo a anestesia induzida com propofol (5mg.kg⁻¹) por via intravenosa e mantida através da administração inalatória de isoflurano associado a oxigênio 100%. Devido à total adesão da proliferação com a musculatura limitrofe, observou-se intenso processo doloroso no decorrer da excisão. Tal fato evidenciou-se pelo aumento na pressão arterial média, elevando-se de 65mmHg para 100mmHg e também pela quase centralização do globo ocular. Foi realizado um *bolus* de cetamina (0,5mg.kg⁻¹) e seguidos cinco minutos procedeu-se a infusão contínua da mesma (10µg.kg⁻¹.min⁻¹) até a conclusão da cirurgia. Vale salientar que nos 15 minutos antecedentes ao término do procedimento, foram aplicados anti-inflamatórios (carprofeno, 4,4mg.kg⁻¹ por via subcutânea e dipirona sódica, 25mg.kg⁻¹ por via intravenosa). Ao despertar, a cadela apresentava-se excitada e com sinais aparentes de dor. Desta forma, utilizou-se infusão intravenosa lenta de fentanil (5µg.kg⁻¹) diluído em 10ml de solução fisiológica, sendo esta ação repetida após 20 minutos. Tal conduta foi necessária para estabelecer uma adequada

analgesia no pós-operatório imediato. O animal permaneceu monitorado quanto às funções vitais, sendo liberado somente quando se encontrava em conveniente estado de analgesia. Nesse momento, instituiu-se medicação oral pós-cirúrgica à base de carprofeno (4,4mg.kg⁻¹, a cada 24 horas, por cinco dias), dipirona sódica (25mg.kg⁻¹, a cada oito horas, por cinco dias) e cloridrato de tramadol (3mg.kg⁻¹, a cada oito horas, por sete dias). Enviou-se o tumor removido para histopatologia, sendo diagnosticado como lipoma infiltrativo. O lipoma é uma neoplasia mesenquimal benigna, com gênese a partir dos adipócitos. Ao ocorrer infiltração para os tecidos adjacentes é denominado de lipoma infiltrativo. O tratamento de eleição corresponde a exérese cirúrgica embora ocasione processo algico severo. Assim, torna-se imprescindível uma terapia analgésica com o uso de fármacos de diferentes mecanismos de ação.

Palavras-chave: *Canis familiaris*, analgesia multimodal, neoplasia.

P-021

ANESTESIA POR TUMESCÊNCIA EM MASTECTOMIA DE CADELAS

Ruth Helena Falesi Palha de Moraes Bittencourt, Leony Soares Marinho, Vania Maria Trajano da Silva Moreira, Hamilton da Silva Pinto Júnior, Dayana Aleria Conceição Ferreira

A anestesia infiltrativa por tumescência é uma técnica de anestesia infiltrativa local, na qual grandes volumes de uma solução de anestésico local em baixas concentrações é infiltrado na pele e tecido subcutâneo. É uma técnica recomendada, na medicina veterinária, principalmente em mastectomias. O objetivo do presente trabalho foi avaliar a utilização da anestesia infiltrativa por tumescência em seis cadelas de raças variadas, idade média de 5±2 anos e pesando em média 10±6kg, submetidas a mastectomias parcial ou total visando a remoção de neoplasias mamárias, considerando analgesia, a expansão mecânica tecidual e hemostasia, com avaliação da técnica e da facilitação do procedimento cirúrgico. Todos os animais foram avaliados quanto ao risco anestésico e classificados como ASA II. Procedimentos pré-anestésicos referentes a restrições alimentar e hídrica foram adotados, assim como demais cuidados inerentes ao período. Os animais foram anestesiados com a associação intravenosa de quetamina (15mg/kg), diazepam (1mg/kg) e acepromazina (0,05mg/kg) e, para analgesia local realizou-se anestesia por tumescência utilizando 15ml/kg de uma solução de 40ml de lidocaína 2% e 0,5ml de adrenalina 1:1.000 diluída em 500ml de Ringer Lactato e mantida, até o momento da infiltração, a temperatura de 4°C. A concentração da solução foi a 0,16%. As avaliações da analgesia, hemostasia e expansão mecânica tecidual foram realizadas com Escalas de Análise Descritivas, com escores de 0 a 2, onde zero (0) significava ausência de dor e sangramento e sem expansão tecidual e os escores 1 e 2, respectivamente, dor e sangramento moderados e severos e expansão moderada e total. Não foi verificado qualquer intercorrência (elevações acima de 20, 30 ou 40% na FC) que sugerisse a presença da dor. Quanto ao sangramento, todos os animais ficaram no escore zero, bem como foi verificada expansão tecidual total (escore 2). A conclusão foi que a técnica de anestesia por tumescência proporcionou analgesia eficiente, com pequenos focos de sangramento e expansão tecidual considerada, facilitando procedimentos cirúrgicos para mastectomias total ou parcial considerando a remoção de neoplasias mamárias em cadelas.

Palavras-chave: mastectomia; anestesia por tumescência; cadelas.

1 Professores Doutores do Instituto da Saúde e Produção Animal da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA)

2 Mestranda do Programa de Saúde e Produção Animal na Amazônia da UFRA.

E-mail: rhfalesi@yahoo.com.br